

Desemprego cai por falta de procura

Taxa de agosto foi de 6,2%, contra 7,1% no mesmo mês do ano passado

Cássia Almeida

• A redução na força de trabalho do país provocou a queda na taxa de desemprego calculada pelo IBGE em seis regiões metropolitanas. Em agosto, o desemprego atingiu 6,2% da População Economicamente Ativa (PEA), contra 7,1% de agosto do ano passado. Em comparação a julho, a taxa se manteve estável.

A Pesquisa Mensal do Emprego mostra que houve uma queda de 213 mil pessoas na força de trabalho, em relação a agosto do ano passado. Desse total, 197 mil deixaram de procurar emprego (um aumento de

14,9% em relação a 2000) e 16 mil deixaram de trabalhar (uma queda na ocupação de 0,1%). O que significa dizer que havia menos pessoas trabalhando em agosto deste ano do que no mesmo mês de 2000 e que há um desalento, com as pessoas desistindo de procurar emprego:

— Ainda não é alarmante, mas a pesquisa mostra a desaceleração da atividade econômica — afirma Shyrlene Ramos, do Departamento de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Segundo a técnica, a queda na força de trabalho acontece desde abril, caracterizando cenário de crise causada pela alta de juros e dólar:

— Observamos que cresceu a inatividade em 98 e 99 (momentos de crise), melhorando em 2000. Agora a inatividade voltou a crescer, sem a contrapartida na ocupação.

Reajuste do mínimo não impediu renda cair 2,9%

Outro indicador da crise é o tempo médio da procura por emprego. Em julho, era de 21,9 semanas, passando a 22,9 semanas no mês passado. No indicador anual, a diferença é mais gritante: em agosto de 2000 gastavam-se 20,4 semanas para se encontrar emprego. Com a queda na ocupação, as 702 mil pessoas que passaram para a

População em Idade Ativa (com 15 anos ou mais) em agosto não conseguiram entrar no mercado de trabalho e engrossaram a inatividade, que vem crescendo desde fevereiro a taxas entre 6% e 7%, alcançando 915 mil pessoas em agosto.

O rendimento médio real em julho caiu 2,9% em relação ao mesmo mês de 2000. Segundo Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas, nem o aumento real de 11% no salário-mínimo foi capaz de fazer subir o rendimento:

— O aumento coincidiu com o agravamento da crise na Argentina e acabou contribuindo para queda na ocupação. ■